

BRINCANDO DE KURT SCHWITTERS: Júlio César Lopes

Século XVIII. O último dos gabinetes de curiosidades será apresentado hoje. É grande a expectativa. Serão exibidas a um grupo seletivo de pessoas as maravilhas do mundo vegetal, animal e mineral: unicórnios, fósseis e conchas estão entre as raridades que foram coletadas durante anos de viagens ao redor da terra: uma fatia do macrocosmo.

Primeiras décadas do Século XX. O homem sai à rua e coleta coisas que encontra em seu caminho: jornais amassados, entradas para uma peça de teatro, um pedaço de sola de sapato, uma carta de baralho. Coloca-as no bolso e as leva para casa onde, ao chegar, percebe, sobre a mesa, uma carta que, de repente, não lhe pertence mais. Junta-a ao bolo de coisas que acabou de trazer da rua. Mais tarde ele irá pensar no que fazer. Quem sabe uma *assemblage*. Quem sabe uma instalação... Amanhã é um outro dia.

Século XXI. Um outro homem caminha solitário. Encontra alguém que lhe presenteia com um vidro de perfume, uma caixa de lápis de cor e um banquinho. Chega ao seu atelier, que é uma casa, um minimuseu. Ele coloca os lápis ali, em uma caixa, junto aos tubos de tinta usados. O vidro de perfume, após o uso, vai ficar perto dos outros vidros vazios. Senta-se no banquinho e espera. E enquanto espera lembra-se daquele homem, tão peculiar, das primeiras décadas do século passado. O nome dele é Kurt Schwitters. O nome deste homem de hoje é Júlio César. De repente, ele não se sente mais sozinho.



Brincando de Kurt Schwitters é uma instalação múltipla, polissêmica. É o índice de um mundo pessoal e coletivo. Walter Benjamin escreveu um dia: “Toda paixão beira o caótico, mas a paixão do colecionador beira o caos da memória.” A organização das caixas, estas vitrines, enganam o olhar mais distraído, que procura ver aí um sentido na coleção. Mas a mente, que encarna o olhar, faz associações livres ao passar seus olhos pelo interior das caixas. O princípio que liga os objetos e materiais acumulados é similar ao daqueles gabinetes de séculos atrás. Assim, dadaístas, surrealistas e artistas contemporâneos acumulam coisas e inventam sistemas de seleção e organização em um processo semelhante ao praticado nos museus. Mas, as ações de descobrir e classificar na urgência de dar sentido a um universo de coisas, próprias da catalogação, desalinham-se ao encontrar o artista-colecionador. Neste minimuseu – microcosmo do reino artificial - nem tudo vem inteiro ao olhar. Esse sentimento de “incompletude” reverbera na pintura/instalação *Letraset* onde o artista dispõe as letras manualmente, uma a uma, sobre uma tela que estaria pronta para receber “a” pintura. A transposição, letra a letra, tal qual encontramos no suporte, não garante sentido. Júlio César, então, comete duas subversões de uma mesma ordem: não é pintura que o suporte recebe e não são palavras que se formam. Em todos estes procedimentos, que margeiam o absurdo, o artista reelabora os legados de Marcel Duchamp e Kurt Schwitters e a eles se conecta pelo fio que une todas as coisas do mundo em um grande território a se apropriar e a ser habitado.

Renata Azambuja, 2003.